



# Gaiato



Quinzenário • 24 de Agosto de 1991 • Ano XLVI — N.º 1238 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Malanje

Logo que cheguei a Malanje e me encontrei com alguns gaiatos, marcámos encontro para o domingo 14/7/91 na nossa Casa e à beira da lagoa. E foi. Às 15 horas lá estávamos todos!

Primeiro, foi uma volta pelas habitações: casa-mãe, capela e oficinas, vacaria e galinheiros. Nem um objecto, nem uma porta, nem uma janela. Uma aldeia fantasma! Tristes e cabisbaixos por tamanha desolação, encaminhámo-nos para a zona da lagoa, onde nas mesas de pedra nos esperava um almoço preparado pelo nosso Jorge. Formidável este Jorge... sempre preocupado com os irmãos gaiatos e o nome da Obra da Rua!

Depois foi um recordar:

O erguer das casas;  
o gado nos parques;  
o desbravar das matas;  
os campos de algodão.

Finalmente, as peripécias do quotidiano: «Não se recorda do Júlio Silva ter mandado o João por uma porca da roda do tractor e ele aparecer, avenida a cima, com uma leitoa às costas?!» A seguir, rir... Rir como crianças desinibidas no pátio das suas casas.

«E o feijão bravo que metemos na cama do Tavares? Aquilo é foi coçar!»

«E o Manuel a podar uma árvore da mata porque lhe dissemos que era ameixoeira?»

E, assim, pela tarde fora...

«Vamos retomar, restaurar e reerguer a nossa Aldeia» — disse o António e todos concordaram.

Por todos foi escolhido o Joãozinho para tomar conta e marcar presença. Mais três, ainda solteiros, quiseram ficar com ele. Logo no dia seguinte começaram a apanha do café e a capinação do pomar de mangueiras.

Fiz então o meu discurso: — Foi-nos entregue pela Delegação da Educação documento da entrega e estimativa das faltas. Como vistes, falta todo o recheio necessário à vida e aconchego de 100 rapazes. Faltam 196 portas e 160 janelas; as vacas, os porcos e as galinhas; o pastor alemão e o gatinho preto; a ternurinha das abelhas que nos faziam o mel nas vigas dos telhados.

«E o veado que criámos a biberão?» — interrompeu um. E logo outro: «E as trotinetes de rolamentos e carrinhos de bambu que nós fazíamos?» Foi um enumerar!

— Já notastes — continuei — que a guerra não conseguiu destruir o mais importante?!

A beleza da nossa Aldeia; o nosso espírito de família e o amor que nos une. Três elementos bem fortes para os alicerces da restauração da Aldeia. Não estou pensando tanto em paredes e portas, mas em tantos meninos aflitos que esperam por nós.

Levantou-se uma voz. «Tem que escrever aos seus amigos: Um manda uma porta, outro uma janela, uma mesa, uma cama...»

Boa... Não tinha pensado. Aqui fica o recado.

De novo, os nossos mais pequeninos puxarão os seus carros de bambu...

De novo, nos domingos, falaremos ao Senhor na nossa linda Capela...

De novo, o nosso sinal — o belo cruzeiro de pedra — dominará horizontes...

E serão dias de sol!

Plantas a crescer!

Noites de sonho com a lua mergulhando na lagoa em coluna de fogo!

Que o Senhor nos ajude.

Padre Telmo



Paço de Sousa: O Ilídio com seu ar gaiato!

## Agora

Ao longo dos quarenta anos feitos, a inspiração do Património dos Pobres, que Pai Américo achou uma resposta semelhante à de Colombo para colocar o ovo em pé, resposta simples, sem artificios, toda e só dependente da boa vontade dos homens e do engenho que ela desperta — esta ideia, digo, não só fez e fez fazer um número de casas que não sabemos determinar, sabendo embora, que sem conta por milhares, como se revelou um remédio de grande eficácia para as dormências da consciência social de que tão facilmente padece o homem.

A denúncia de multidões sem casa e em condições degradantes, concomitante ao esforço de lhes encontrar solução, tornou-se um «vírus» bom, de rápido contágio — e têm sido muitos, e hão-de sê-lo!, os «vitimados» por tão salutar maleita. Só os muito grandes, os defendidos por múltiplas muralhas difíceis de transpor, têm sido menos atingidos. De resto, famílias medianas, trabalhadores de todos os níveis que, com mais ou menos dificuldades, resolveram o seu problema de habitação, se têm mostrado sensíveis ao problema dos outros, dos mais fracos, dos que não podem resolvê-lo só por si; e têm dado o peito a esta Obra tão calorosamente como se fora para seu proveito. E é! A alegria que eles experimentam aqui e agora nesta partilha?! E depois... é que será!

O desfile de hoje principia mesmo por Continua na página 3

## Tribuna de Coimbra

• Têm sido dias de vivência e comunhão com algumas famílias numerosas. Especialmente, a alegria de Mães agradecidas pelos filhos que criaram.

No domingo fui uns momentos participar da festa dos cinquenta anos daquele casal, na capela da aldeia, rodeado dos oito filhos e de muitos amigos. Depois, acompanhei-os até casa. Casa muito humilde. Mesa posta num barracão enfeitado.

Aquela Mãe muito feliz: «Estou tão contente, tão contente! Tenho hoje os oito filhos junto de mim. Custaram-me muito a criar. Já fui muitas vezes para os hospitais, para morrer, e, graças a Deus, ainda cá estou. Os meus filhos foram a grande riqueza que Deus nos deu».

E ficaram, à mesa, a saborear os mimos com a alegria da reunião familiar nas «bodas de oiro» dos pais muito felizes.

• Foi à porta da sacristia, no fim da Eucaristia, que veio aquela Mãe. Segurou-se à porta. Disse da bronquite que a ataca. Das muitas vezes que já se tem sentido a partir para a outra vida.

Com sua oferta de costume, disse dos tormentos que passou para criar onze

Padre Manuel António

Continua na página 3

## Moçambique

No país onde a guerra ainda não acabou, a Obra da Rua entra com as únicas armas de que dispõe — servir com muito amor, realizando as obras da Justiça.

Se Deus quiser, no dia 26 de Agosto, parte para o Moçambique a equipa que vai desbravar o caminho da Obra da Rua no meio do seu povo. Ao martírio daquela gente junta-se a paixão do P. José Maria e seu pequenino grupo. P. Telmo far-lhe-á companhia durante os primeiros tempos.

Pai Américo viveu lá cerca de 18 anos, antes de ser padre. Foi em África que a «martelada» de Deus o pôs no seu lugar. Voltou a Moçambique em 1952. É que o homem, por natureza, tende a dar-se. Comunicar-se. Ser útil. O homem fechado é um doente. Não ama; explora. Os Pobres eram glória de Pai Américo. Por eles foi. Moçambique entrou, desde o início, na história da Obra da Rua.

Em 1967 nasceu a primeira Casa do Gaiato nos arredores de Lourenço Marques, hoje Maputo. Com a Aldeia quase concluída, veio a independência precedida do período convulsivo que levou de seguida à nacionalização de todas as instituições. A Casa do Gaiato não escapou.

A Obra da Rua regressa, agora pela mão da Igreja, a pedido do Governo para colaborar com a sociedade civil na reconstrução do tecido social.

Ela quer renascer, em terras de Moçambique, no estômago do povo faminto, nos corpos minados pela doença, nas famílias dispersas pela guerra, nas crianças que vagueiam pelas ruas e pelas matas. Vai recomençar fazendo tudo de novo.

No país onde a guerra ainda não acabou, a Obra da Rua entra com as únicas armas de que dispõe — servir com muito amor, realizando as obras da Justiça.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

• A pobre velhinha habita uma casa do Património dos Pobres, numa paróquia do concelho, ora rica pelo boom do granito.

Não mudou de aspecto: luto dos pés à cabeça. Lenço traçado.

Enviou quando surgiu a pensão social. Então, requeremos, inclusivé, abonos de família, pois o marido jamais descontara para a Segurança Social. «Nesse tempo era assim. Não havia acajo nada...!» — e a pobre mulher precisava de tudo para criar os filhos, um dos quais deficiente.

Agora, que os anos pesam mais, a pensão mal dá prós remédios! Na sua simplicidade, queria saber se haveria modo de obter maior benefício — para melhor subsistir. É justo que os Pobres se inteirem dos seus direitos. Tudo conta com um leve sorriso na face coberta de rugas:

— *Vejam o que podem fazer...*

— *A Caixa não dá mais nada!*

Agradece a informação. Fecha os olhos. Cinge as mãos na cara. Depois, segue triste como a noite.

Partilhamos a dor da pobre viúva. Foi uma heroína! Criou cinco filhos operando o milagre de alimentá-los só com o simples caldinho preparado na lareira. «*Nem sempre com adubo...*» — esclarece.

A pensão social, que tem sido uma ajuda para tanta miséria, precisa de mais um pouquinho, já que os portugueses — neste aspecto — recebem menos de metade que os espanhóis!

**PARTILHA** — Nogueira do Cravo: cheque do avô do assinante 26470 (dez contos) «*para ser entregue a viúvas com filhos pequenos, auxiliadas pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Causam-me muita pena as notícias que leio, n' O GAIATO, a respeito delas*». Termina assim: «*Peço desculpa da letra*

(na carta) *ir assim tremida. Mas isto é da idade, pois já fiz 86 anos e não quero encomendar este serviço a ninguém*». Delicadeza cristã!

A remessa habitual da assinante 31104, com muita perseverança e delicadeza também: «*Por me encontrar a fazer um tratamento não enviei a minha contribuição de Junho. Por isso, segue mais tarde — mas com o mesmo amor pelos Pobres. Rezem por mim*». Entretanto, chegou o contributo de Julho.

Assinante 32897 com 1.000\$000. Mais cinco, de Santa Cruz do Douro. Um resto de contas, da assinante 14802, destinado aos «*Pobres mais envergonhados*». Dez contos da assinante 3119, de Paço de Arcos, que será uma presença mensal. Regista um hino a O GAIATO, agradecendo «*do coração todo o Bem que me tem feito*». Mais 500\$00 de Ribeira de Pena.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**FESTAS** — Desta vez, é a da Vila de Paço de Sousa, que se festeja em 15 de Agosto e serve para que, uma vez por ano, as pessoas de todas as classes sociais se unam para celebrar a festa a Nossa Senhora e para conviverem.

Um encontro de amigos com muitas diversões também: orquestras, ranchos folclóricos e grupos de cantores vindos de lugares.

Mas nós, gaiatos, não ficamos à parte, pois, nesse dia, de manhã, foi dada a cada rapaz, pelos seus chefes, uma quantia de dinheiro e conselhos e avisos de como nos devemos comportar na Vila. Assim, à tarde, lá foi a malta divertir-se e festejar o dia de grande animação, comprando guloseimas, brinquedos e outras coisas.

**PRAIA** — Chegou o último turno de férias da nossa casa na Praia de Azurara.

Os nossos companheiros que distribuem, todas as quinzenas, o nosso jornal O GAIATO e levam a boa nova da nossa Obra pelas ruas do Porto e outras terras, também vão fazer mais uma preciosa semana de férias. Desejo-lhes boa sorte e que se divirtam e descansem muito.

**AGRICULTURA** — O campo dos tomateiros já mostra tomates corados e têm sido colhidos cestos deles para saladas em nossas refeições. Que bom!...

Quando ao milho, cada vez mais desenvolvido, começa a mostrar rebentos de espigas. Parece que vamos ter uma boa colheita.

As videiras mostram-se sadias e com belos e grandes cachos de uvas. A malta espera pela vindima... Apesar de as uvas estarem verdes, já se prepara o material de trabalho, especialmente na adega: limpam-se e desinfectam-se as cubas e os lagares.

Eu já vivo a proximidade das vindimas!

«Rambo»

## PRAIA DE MIRA

Chegaram os distribuidores d'O GAIATO, das praias do País; os restantes são da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e mais onze do Tojal para gozarem umas férias agradáveis.

Enquanto não podemos tomar banho nas águas do mar, estendemo-nos ao sol com precaução. Outros lêem, correm, jogam futebol e ocupam-se em muitas brincadeiras.

Os pescadores são, para nós, um quadro muito curioso, quando se lançam ao mar, nos seus barcos, cumprindo, assim, uma tarefa espinhosa e cheia de perigos.

No regresso, é sempre uma alegria na praia. Os tractores puxam as cordas das embarcações e aglomeramo-nos em volta

das tripulações para ver o pescado nas redes. Apesar de ser uma pesca artesanal — até por isso mesmo — o facto atrai muita gente, especialmente os gaiatos, já que os pescadores nos oferecem peixe que recebemos de mãos abertas.

O nosso Padre Horácio aproveitou o fim-de-semana para transmitir a mensagem da nossa Obra nas Missas, em Praia de Mira, celebradas pelo Bispo dos Açores e seu irmão. Na oração dos fiéis, os celebrantes lembraram a Obra da Rua e a reabertura das nossas Casas do Gaiato, em África.

Diamantino

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — As nossas árvores de fruto prometem uma abundante colheita. Para se obter uma boa produção há que cuidar das árvores e, nesse aspecto, cabe aos nossos «Batatinhas» a tarefa de as regar, já que o sol é intenso e o calor faz-se sentir.

O milho continua viçoso, alto e verde. Algum está pronto a ser despontado. É uma fonte de trabalho e, em nossa Casa, serve para ocupar os rapazes ensinando-os a estar e a trabalhar.

Desde o semear ao despigar existem vários serviços que temos de fazer e os rapazes cumprem. É uma actividade que serve de escola.

Procedemos à recolha dos tomates. Na cozinha são devidamente preparados, conservando-se ao longo do ano, sob diversas formas, desde polpa de tomate, a doces ou congelados.

**OBRAS** — Continuam na casa-mãe, já com a ideia na sua conclusão (procede-se aos acabamentos), pois teremos um edifício bastante modificado e bonito.

**ESTUDANTES** — Não nos podíamos esquecer de felicitar o Zé Luís que terminou o bacharelato no Instituto Superior de

Contabilidade e Administração, de Coimbra, (ISCAC). Parabéns! Esperamos que outros o sigam na escalada que é a Universidade, cada vez mais difícil, apesar de um maior número de cursos e licenciaturas; nomeadamente o João Paulo que se candidatou à Universidade da Covilhã. Esperamos que consiga os seus objetivos.

António Maria

## TOJAL

**ESCOLA** — Mais um ano! Uns ficaram contentes, outros tristes. Na Escola Primária passaram muitos, mas outros *chumbaram*. No Ciclo Preparatório, de 24 só dois não aproveitaram; no Secundário, *chumbou* um.

Ano positivo! Para os que aproveitaram, os nossos parabéns. Os restantes, não desistam e recuperem...

**PRAIA** — Começaram as férias, mas ainda não as gozamos em nossa casa, na Ericeira. Teremos que seguir para a Arrábida e Mira. Aliás, um convívio agradável, como tem acontecido de há três anos para cá.

A casa, na Ericeira, está em más condições. Mas a D. Helena e alguns rapazes estiveram, por lá, durante o mês de Julho.

Boas férias!

**BANHOS** — Principiou a época dos banhos, no tanque. Esperamos ter uma piscina no próximo ano, mas, para isso, teremos que realizar a nossa Festa...

**OFERTAS** — Um agradecimento às pessoas amigas que enviaram linhas e outros materiais para a rouparia.

**JARDIM** — Tivemos ao nosso dispor três camiões, entre os quais o nosso, para transportar terra destinada aos canteiros. São muitos!

Os estudantes do Ensino Secundário foram bem aproveitados: espalharam a terra e trabalharam no duro para termos belos jardins.

**OBRAS** — Prossegue o calcetamento das ruas. O tempo tem ajudado. Isso é que é preciso para concluirmos a obra, melhoramento importante para a nossa Casa.

Miguel Fontes

*Em Paço de Sousa, temos uma quinta de alguns hectares — a nossa imensa riqueza. Nós trabalhamos todos os palmos da nossa quinta e olhamos para ela como fonte perene de alegria, de receita, de educação. Sobretudo como remédio para a alma dos nossos pequeninos vadios, doentes do cheiro das ruas...*

PAI AMÉRICO

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Nas nossas visitas, a maior tristeza é não podermos resolver os problemas postos pelos nossos Pobres. São sempre de grande urgência e necessidade. Desta vez, foi a visita àquela pobre mãe, já muito idosa e doente, que tem a seu cargo uma netinha de tenra idade pelo facto de seus pais estarem presos. Mal a cumprimentei, logo quis que a ouvisse ler uma carta que o filho escreveu. Enquanto a lia, pedi forças ao Senhor para ajudar, dentro do possível, aquela pobre mãe a quem o filho solicitava que o fosse ver todos os domingos. A dada altura, dizia: «*Só com a tua ajuda e presença, minha mãe, conseguirei forças para sair, daqui, um homem novo e ser um filho e pai que nunca fui!*» E continuava: «*Vais ver, minha boa mãe, que ainda te farei muito feliz, assim como a minha filhinha*». Ela continuava, e eu incapaz de dizer uma palavra. Também sou mãe e chorei com ela! Foram momentos de muita dor, mas também de grande paz espiritual.

Despedi-me. Subia a Rua da Vitória a pensar na maneira de conseguir dinheiro para que ela pudesse visitar o filho, todos os domingos, na Cadeia de Paços de Ferreira. Concluí que não me era possível, pois já estamos a dar algum para o leite da netinha. Há outros casos mais urgentes que esperam, já que esta não é a necessidade de pão para sobreviver. Meu Deus, se não fosse andar nesta vida com os olhos postos em Vós, há muito teria desistido! Alturas há em que dói demais!!

**Campanha tenha o seu Pobre:** Alguns amigos pedem a nossa direcção. Ei-la: Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Assinante 17322, 1.000\$00; J.R.D., o donativo de Julho e uma televisão como nova; M. Luísa, «*por alma de seu marido*», 10.000\$00; José D'Eça, 10.000\$00; M. Leonor, 25.000\$00 e pede orações por filhos e netos; 1.000\$00 da assinante 24671; M. Joana, 5.000\$00 e escreve uma linda carta: «*É impossível ficar indiferente a tanta angústia espelhada na referida coluna do vosso jornal. Que bom seria se houvesse mais equilíbrio social! Não haveria tantos irmãos nossos a viverem em condições tão desumanas*». Assinante 1959, 5.000\$00; assinante 31545, 5.000\$00. Por último, respondemos à senhora que subscreve M. M. e envia 5.000\$00. Pergunta se achamos bem que nos mande 3.000\$00 mensais para a renda de uma das três velhinhas. Boa amiga, claro que achamos bem. E mais: ficamos muito contentes pois, como diz na sua carta, é menos um encargo às nossas costas. O Pai do Céu a recompensará. Bem hajam todos.

Uma vicentina



# AGORA

Continuação da página 1

estes, que não enjeitam o acicate das carências alheias antes o assumem; e é continuado pela presença constante de outros, alguns desde a primeira hora, que somaram já nesta coluna quantias que nem eles nem nós sabemos, mas se contam por grandes números que só Deus regista. Felizes!

Abre Braga, com um cheque de cem contos:

«Parece-me correcto começar a evangelizar pela fome. Como é possível pretender falar de amor, de bondade, de família, se não há empenho em dar de comer ao irmão que está faminto diante de nós? Se alguém se diz meu irmão e me vê passar fome e não me dá de comer, como se entende esta

irmandade? Não sou rica, mas sinto sempre um grande peso pelo que me fica.»

Segue Gaia, um advogado:

«O problema da habitação impressionou-me extraordinariamente. Eu que estou sentado com todo o conforto, à minha secretária, e ainda julgo que tenho pouco!... Como somos injustos e desatentos, meu Deus! É uma 'Graça' a oportunidade de ler O GAIATO. Obrigado pelo incentivo dos vossos escritos.»

Um salto a Rio Tinto:

«Envio este pequeno cheque. Gostaria que fosse para ajudar a construção de uma casa para família pobre, pois também construí uma aonde habito e já fomos 10. Sei o grande valor que uma casa tem. Graças a Deus que abençoou o meu trabalho e eu

lutei. Apesar de não ter merecimentos diante do Pai Celeste, eu creio na Sua misericórdia e bondade. Sem Deus nos ajudar a dar, nós nada damos.»

É o Assinante 29045 com cento e vinte contos. Rumando a sul, paremos em Ílhavo:

«Hoje, «Dia do Pai», venho até vós dar o meu humilde contributo em acção de graças pela concretização da minha grande aspiração, ter uma casa minha, a qual já está a ser construída. O maior sonho da minha vida, que já vai nos 60 anos, e que com ajuda do Pai do Céu e Pai Américo espero ver realizado! Com muito reconhecimento pela grande ajuda envio um cheque 7.000\$00 — sendo 5.000\$00 meus e 2.000\$00 da minha filha que agora adquiriu a sua casinha, onde irá ter o seu lar, pois casa em breve, e para ela e noivo peço as vossas bênçãos. Esta minha humilde dádiva será para ajudar na construção da sua habitação, àquele que de momento mais precisar! São apenas uns pregos sem grande préstimo, mas dados com muita boa vontade. Peço uma Avé-Maria pela consolidação do meu casamento e das minhas filhas.»

Meu Deus, quem merece esta comunhão de almas?!

E aí estão, agora, os que raramente falham. É quase só uma chamada, tão conhecidos são (sem nos conhecermos!), tão habituados estamos ao seu «presente».

M. M., «com a dedicação de sempre» e cinco «migalhinas» de quinze para a «Casa da Paz». É um bilhete anónimo no Espelho da Moda (só a letra é velha conhecida!) com lembranças para a Conferência de S. Francisco de Assis, Cooperativa de Habitação dos Gaiatos e Autoconstrução. Soma quarenta e cinco.

De MM—AL, duas «prestações». A da «Casa seja louvado N. S. Jesus Cristo», mais vinte. A Isaura, de Ermesinde, mais três. A Alice, com mais «gotinhas» para a «Casa de S. Filomena»



Pai Américo aplicou o seu gosto artístico no projecto desta majestosa Capela de granito da Casa do Gaiato, ao lado do Calvário para Doentes incuráveis. «Cristo aqui não nos pede flores» — esclarece Padre Baptista. «Ele vem sujo e doente: é preciso limpá-lo; e urgente tratá-lo.»

## Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

filhos e do amor que todos eles têm à Mãe. «Não querem que me falte nada. Não podem ser mais meus amigos. Amanhã, uma das minhas filhas volta para o Canadá. Custa-me tanto vê-la partir! Ela vai com Deus, mas deixa-me muitas saudades.»

Gosto muito de ver e ouvir esta grande Mãe! Que Deus a conserve.

• Hoje, ao almoço, estive à mesa com outra Mãe rodeada por seus nove filhos. Que alegria a desta família sempre que se encontra — e procura encontrar-se muitas vezes!

Às vezes, conta aos filhos o que passou para os criar. «Os sacrifícios que uma Mãe passa para criar um rancho de filhos! Nem vos sei dizer!... Mas valeu a pena para os ver agora com os seus netinhos todos à minha volta. É sempre uma festa!»

A cara estava muito sorridente.

• Geralmente, tenho encontrado nas famílias numerosas muitos sinais de bênção e gratidão. E tenho encontrado, muitas vezes, em casais sem filhos e com eles por muita conta, desabafos de desânimo e maldição. Os filhos são o grande dom de Deus aos pais.

Estamos a ver a nossa sociedade a ficar muito pobre. Há ausências de crianças. Quem vem continuar a nossa vida?

Achei muita graça quando, hoje de manhã, ao irmos para a praia, aquele homem parou o tractor e perguntou: «Padre Horácio, ainda tem mais filhos que estes? Uma família grande, graças a Deus». Sim.

Padre Horácio

e muitas outras para outros fins.

J. P. R. é assim: bate à porta do Lar, entrega e foge. Se a gente o não agarrar, foge mesmo! Um sacerdote que se não cansa, com mais trezentos. ML com os seus cinco mensais e este requinte: «Os que necessitam, me perdoem o atraso». A Dr.<sup>a</sup> Felicidade, sempre lembrando «a alma de meu querido Pai e pela saúde da minha Mãe». As «três mosqueiteiras» da Força Aérea. A Lígia com lembranças várias, todas para a área da habitação. E ainda, no Espelho da Moda, quatro entregas do mealheiro do Teatro de Sá da Bandeira: 85.300\$00 + 37.500\$00 + 29.900\$00 + 53.600\$000.

Fica-nos um grande grupo de devotos menos caracterizados, de que daremos conta em próxima oportunidade.

Padre Carlos

## Carta dum estudante universitário

«Quem vos escreve — mais uma vez — é um assinante d'O GAIATO.

A morada onde recebo o Famoso é aquela que vai no sobrecrito — a minha residência.

Esta carta tem dois objectivos: O envio duma pequena lembrança para a Obra da Rua — que tanto admiro desde pequeno; o outro, prende-se com o facto de querer fazer assinantes dois amigos meus (...).

Junto um cheque de mil escudos. Sei que é pouco, mas sendo eu estudante universitário, não tenho hipótese de mandar grandes somas de dinheiro. No entanto, mais que tudo é a intenção que conta.

Sou grande admirador das Casas do Gaiato, de todas as Obras criadas por Pai Américo. Esta a razão que me leva a escrever estas linhas. Mas, já disse, pretendo também que dois amigos meus façam parte da grande família de leitores e amigos d'O GAIATO.

Uma saudação para todos quantos tornam possível este contacto entre a Obra do Padre Américo e as pessoas que a admiram.

Assinante 9715»

## DOCTRINA



...e a opinião dos homens tem feito deles abrigo.

• A Casa do Gaiato já está habitada. Os primeiros ocupantes deram entrada no dia 7 de Janeiro (de 1940). Chuva a potes. Parece que não se devia ter escolhido o pino do Inverno, antes esperar os dias da Primavera e instalar então o gaiato na beleza do seu florir. Mas não. Se tu souberes como e onde eles

vivem, havias de fazer precisamente o mesmo que eu fiz.

• Como na vida das Colónias de Campo, também aqui há seus episódios. Na noite da chegada, levanta-se um deles a berrar: «Aqui-del-rei que me falta o ar e tenho medo do escuro!» A gente acode depressa e canta ao pé deles o «nana menino» das mães! No segundo dia namoram a sopa no prato, mas não podem com ela! Vindos de casa sem sopa, habituados

como andam à dos quartéis e à das sobras, esta que se lhes apresenta fumegante e reconstituente, é luxo a que não estão afeitos. Temos de começar por culinária mais baixa, subir a qualidade em doses pequenas, graduar — curar a fome com a fome, como se faz com a neve aos que nela perigam. Assim como há sopa que farta mas não alimenta, também há roupa que cobre mas não guarda o frio. O nosso gaiato é sujeito destes dois predicados. Farto de sopa,

com fome. Coberto de roupa, com frio. Roupas na saqueta, dádivas de Pobres tão pobres como eles — guardam o corpo que não o frio.

• Tenho tido ofertas piedosas — «estes cem escudos para a estampa da Entronização»; «estas colchas para quando algum pequenino houver de comungar na cama» — amorosas, mas não suficientes. Nós necessitamos de roupas de agasalho: catraios dos 6 aos 12 anos. Aquelas mãos inteligentes do número

x à Estefânia, que sabem fazer do velho novo; outras mãos, de outras terras, com igual condão; roupas deixadas dos teus filhos, dentro daquelas idades (eles são irmãos destes meus).

O Sagrado Coração de Jesus ficou na sala de entrada — *Seducitor Ille!* E tu vais cair na armadilha, qual passarinho incauto, seduzido pela Beleza do verbo dar a *Ele mesmo*.

*O. Amén. 15!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2<sup>a</sup> vol.)



Moradia de Autoconstrução, para uma família «que vive num barraco muito velho e prestes a desabar».

## Autoconstrução

### Aqui está um caminho a seguir!

Uma comunidade que toma a responsabilidade pelos casos mais graves que acontecem no seu meio é uma paróquia amadurecida. Não se fecha com indiferença perante questões que dizem respeito a todos os membros. Participa e descobre caminhos que a leva a resolver os problemas que sozinha não pode resolver. É portadora do sinal da maturidade humana e cristã.

É um lugar comum dizer-se que a falta de habitação condigna está na base de muitas desgraças. Então, a falta de casas numa comunidade, onde ela existe, é um problema primeiro. Há outros problemas, entretanto. Bem anda a Igreja quando gera grupos dentro da paróquia que, entre as necessidades dos Pobres mais pobres, põe atenção particular no auxílio à Autoconstrução. Deste modo vai semeando sinais do Evangelho, bem visíveis, em obras de Justiça e Caridade.

Estamos num tempo, creio, em que a Igreja é vista e apreciada pelo que faz em áreas onde mais ninguém é capaz de entrar.

As Conferências Vicentinas são um grupo de gente vocacionada para este campo de acção. Onde elas têm vida não se libertam nunca de problemas. Resolvidos uns, outros aparecem. A decisão que existiu para enfrentar os primeiros é escola bem

saboreada para resolver os que vão surgindo. É a lição da experiência.

Tenho diante de mim mais uma carta a testemunhar perante aquelas pessoas que não acreditam:

«Agora também com muita alegria, vimos informá-lo que estamos a ajudar a construir uma nova casa, desta vez para uma família constituída pelo casal e dois filhos menores, que vivem num barraco muito velho e prestes a desabar, onde chove. Este casal, com ligeiro atraso mental e outras carências de saúde, herdou uma pequena parcela de terreno e só com a nossa ajuda, iniciativa e a adjudicação da obra a um construtor civil, que leva 575 contos para alvarar a casa e rebocar por fora, se pôde iniciar a construção, de cujo andamento damos notícia pela foto que juntamos com muito prazer. A planta, uma vez mais, nos foi fornecida, gratuitamente, pela Câmara Municipal que muito amavelmente tem vindo a colaborar connosco neste sentido. Alguns materiais de construção foram oferecidos por empresas da nossa terra, que se solidarizaram com o nosso apelo.

Trata-se, como se vê, de uma pequena casa constituída por uma sala, dois quartos, cozinha e casa de banho. Sóbria, mas digna, como se deseja.

Todo este material e despesas referem-se à 1ª fase da construção. O acabamento

será feito numa 2ª fase, com outras ajudas. Por isso, aqui estamos, como de costume, apelando à vossa ajuda dentro dos princípios que vos orientam na Autoconstrução — 'levantem as paredes que nós damos o telhado' — para podermos levar a cabo esta construção antes da chegada do inverno.

O rendimento do casal limita-se apenas à pensão de invalidez de ambos, no valor total de 40.000\$00 e os abonos de família dos dois filhos».

Aqui está um caminho a seguir. Há outros, por certo. Quem nos dera esvaziar o Fundo do Património do Pobres para acudir a situações como esta! Não há mistura de competências nestas obras. O Estado não acode, por sua iniciativa, a estes casos. Quando, porém, há boa vontade, não deixa de colaborar com a Igreja que está no seu lugar.

É pouco para as necessidades? Quantas vezes nos agarramos a esta desculpa para nada fazermos! E é mal. É negar o direito à vida.

Padre Manuel António

### Mudanças de endereços

Chegam devoluções d'O GAIATO com endereços insuficientes, especialmente de lugarejos de regiões suburbanas que agora têm aruamentos com números de polícia, etc.

Pedimos aos assinantes do Famoso que nos comuniquem as alterações havidas. Obrigado.

# Preocupações

*Para que o ter não oprima, para que o dar não servilize, propomo-nos estar com os que sofrem...*

Na passada rápida dos dias que antecedem a chegada a Moçambique, cresce na gente um misto de alegria e angústia.

Alegria nos preparativos da partida. Levámos ao pormenor, com exagero, adquirir aquelas pequenas coisas que numa casa sem nada, e numa terra onde tudo falta, nos parecem a propósito.

Mas angústia também. Cada objecto que adquirimos, o acto de posse inerente traz-nos o pensamento contrário: — Lá não têm. Este lá não têm não é apenas o não poder ser comprado. É bem mais profundo. A realidade é que as pessoas não têm mesmo, o que nós temos. Este pensamento multiplica-se centenas de vezes no que se refere a alimentação, roupa, material de limpeza, de escritório e até pequenas ferramentas de campo, carpinteiro, pedreiro e serralheiro.

Para que possamos, à chegada, melhorar a nossa situação de carência, ficamos na impossibilidade de experimentar a dureza do que é nada ter e nada poder ter.

Mesmo vivendo um pouco essa situação, nos anos atrasados, quando a

Obra da Rua se retirou; mesmo sendo a nossa ida em função da promoção do bem-estar dos mais sofridos; mesmo tendo já experimentado a nossa capacidade de sofrer com eles, corremos o risco de ser julgados, lá, como gente que tem.

Para que o ter não oprima, para que o dar não servilize, propomo-nos antes de tudo estar com os que sofrem, ouvir a sua história, admirar o seu heroísmo, ajudá-los a levantar a cabeça e ter esperança e confiança em si mesmos. Deus estará sempre por perto. Ele faz connosco a Sua hora.

Hoje deram-nos no Alípio Dias, do Porto, uns largos quilos de sementes de horta e milho. Aquela casa sempre soube dar. Tem a bênção dos Pobres — como dizia Pai Américo.

Estou a dar comigo sentado sobre os calcanhares, a olhar os alfbres viçosos; a espreitar os olhos dos meus companheiros a encherem-se das cores das plantas; a encherem-se da vida.

Quero viver essas horas. Não mais cálculos e projectos. Vamos e pronto! Prometemos estar atentos a tudo o que o Senhor quiser de nós. E logo daremos notícias.

Padre José Maria

## CARTAS

*«Já passa de um ano que perdi o meu querido companheiro de 63 anos. Como o nosso Padre Américo não aceitava — e fez ele muito bem — legados post mortem e meu marido, devido a graves problemas familiares, receava dispor de quantias maiores em vida, que podiam faltar muito a parentes em provação, deixou-vos uma quantiazinha (300 contos). As habituais demoras e tricas burocráticas têm infelizmente provocado este inexplicável atraso, que me dizem e espero, terá desfecho breve.*

Anónimo»

*«Para O GAIATO envio esta pequena migalhinha. Peço desculpa por ser pouco, mas a vida está atrapalhada. Se pudesse, mandava muito mais. É como diz o ditado: «Quem quer não pode e quem pode não quer».*

*Quando recebo o jornal, vou logo lê-lo. Que Deus me conserve a pouca vista que tenho...! Já leio O GAIATO muito antes de o Padre Américo falecer.*

Uma Amiga de sempre»

*«Junto mil escudos e bem gostaria de mandar mais, pois cada palavra que se lê n' O GAIATO vale bem mais do que isso. Quando me vem à mão um jornal com 70 ou mais páginas fico a pensar: — Para quê tanto desperdício se o pequeno O GAIATO diz tanto, tanto em tão pouco espaço? Com os meus 82 anos já não dá para entender este viver.*

Assinante 26.055»

*«A leitura d' O GAIATO embriaga o nosso espírito. Tanto fruto que se colhe! Só apetece meditar e não falar!*

*A importância que junto, é dada em acção de graças por ter completado 36 anos de vida profissional.*

Assinante 41186»

*«Muito obrigado pelo auxílio que O GAIATO dá à nossa vida. Ajuda-nos a encorajar neste mundo tão ameaçador.*

*Vai um pequeno cheque para o Calvário. Meu e de meu marido. A paz e o bem em vossa Obra.*

Assinante 44492».



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Conf. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239